

HELENA TRINDADE: O VERBO É IMAGEM

Alberto Saraiva¹

A genealogia da obra de Helena Trindade se origina pontualmente na imagem e na palavra. Na imagem via pintura, pela plasticidade da construção e suas especificidades materiais. Na palavra pela poesia, cuja entrada se dá pela modernidade de Apollinaire (1880–1918), que insuflou com seus caligramas um caminho que se propunha superar a disjunção clássica entre imagem e texto. A proximidade e o diálogo de Apollinaire com os pintores modernos permitiu essa abertura do poema para a imagem através das artes plásticas. Isso fica mais claro à medida que Mallarmé (1842–1898), de outro lado, com seu *lance de dados*, chega à imagem através da própria estrutura do poema: palavra e espaço da página em branco. Essa genealogia delineada proporciona cruzamentos e interseções históricas, que, no caso de Helena Trindade, vão diretamente ao encontro da produção de artistas/poetas, como Joan Brossa e Nicanor Parra, cuja obra extrapola a dimensão do objeto/palavra ou do chamado poema-objeto. Segundo Adolfo Montejo Navas, trata-se de “*una tridimensionalidad nueva de la poesía expandida*,



TEIA, 1994 | TELARAÑA | WEB
tinta escorrida sobre plástico
transparente 107 x 107 cm

tinta escorrida em plástico transparente
paint dripped on transparent plastic

POEMA A BROSSA, 2009
POEM FOR BROSSA

carta de baralho + carro
de brinquedo de fricção

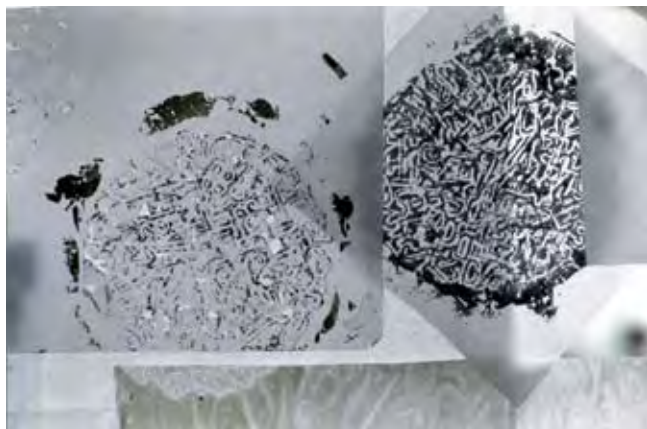
carta de baraja + coche de juguete de
fricción | playing card + friction toy car



¹ Curador e artista visual graduado em Arte Educação e Museologia com especialização em Arte e Filosofia pela PUC-Rio. É curador de Artes Visuais do Oi Futuro Centro de Arte&Tecnologia. Na sua atividade curatorial recente destacam-se: “Intempérie: 2ª Bienal do Fim do Mundo” em parceria com Alfons Hug (2009); Marcos Chaves “É da sua natureza” (2008); “Frederico Dalton - Fotomecanismos” (2007); Projeto Technô (2007/08); Vicente de Mello “Áspera imagem” (2006); Zalinda Cartaxo “Tecnocroma” FILE 2006; “Mostra VideoLab 2006: Cariocavideo” em Coimbra e Varsóvia. Possui textos publicados em livros, catálogos e periódicos p.ex.: *Intempérie: catálogo da 2ª Bienal do Fim do Mundo* (2009); *Papel das Artes; Obranome 2008; Marcos Chaves (Aeroplano, 2008); Relíquias & Ruínas (Contra Capa, 2007); Nam June Paik - vídeos de 1961/2000.*

una suerte de escultura de pequeño formato casi siempre, una operación de cámara que vincula materiales e imaginarios, hecha de condensaciones e desplazamientos...” (Joan Brossa, desde Barcelona al Nuevo Mundo – “Entre la poesía y el objeto”, p. 73).

A expectativa que o trabalho da artista cria é a de um prolongamento dessa reflexão que vem da pintura e do texto, e, muito embora isso nos pareça já um problema basicamente solucionado, ainda acredito haver mais e mais impasses que sempre culminam em situações de novos desdobramentos. Vide trabalhos como os de Luciano Figueiredo, Lenora de Barros, Jenny Holzer e Gary Hill. Entretanto, há na obra de Helena um conceitualismo que se eleva e decorre da convergência de imagem e texto: a ocupação com a ideia de livro, unidade básica da biblioteca, desperta a atenção sobre um universo que vai do livro à arquitetura e da arquitetura ao homem. O livro torna-se um elo da percepção do homem sobre o mundo, e, principalmente, sobre seus conteúdos de passagem entre realidades.



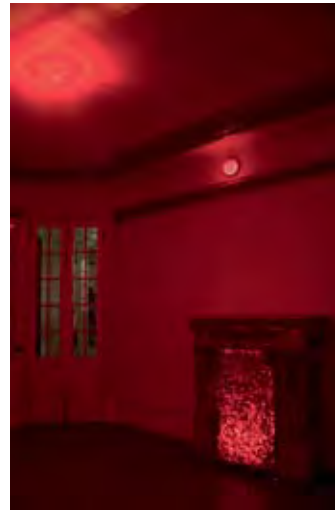
INSTALAÇÃO SESC, 1999
frottages sobrepostas de labirintos de letras
frottages sobrepuestas de laberinto de letras
overlaped *frottages* of letter maze

A construção conceitual do espaço vem sempre da ideia de que seus objetos e livros podem transformar o ambiente em que se instalam naquilo que tem a ver com sua natureza primeira. Daí que a intervenção tende a

reanimar os cômodos, retornar a eles, recriando-os: *Biblioteca encarnada*, *Sala em branco*, *Biblioteca negra*, *Corredor para a carta evanescente*, *Quarto do oráculo*, *Varanda*, *Quarto do sonho*, *Quarto do tempo* e *Conversa na escadaria*. É claro que poderíamos pensar em uma conversa que realmente aconteceu na casa, mas essa seria uma forma de memória, o que não é o caso. Melhor seria falar de sintoma, de um conjunto de falas ou relatos da própria casa, de inscrições simbólicas que brotam no corpo da casa: letra encarnada, com esse sentido de carnação/encarnação que a obra da artista promove num ambiente dado. A reconstrução dos cômodos de uma casa revela mecanismos sensíveis comuns a todas as casas habitadas. Esses mecanismos não viriam *a priori* apenas das relações interpessoais dos habitantes/família, mas também da forma como os cômodos se articulam e do modo pelos quais os espaços se organizam, um dado determinante sobre essas mesmas maneiras de se relacionar. Assim foi que o conceito moderno de residência que tornou os espaços mais ambíguos e transformáveis certamente afetou a disposição das relações humanas. Então, a variação de ocupação de um *centro cultural casa*, um *museu* ou um *espaço adaptado* receberá da artista tratamento diferenciado voltado para sua estrutura arquitetônica e de vida ou, ainda, para tipos de vida e ações de vida através dos quais aquele prédio pode adquirir existência.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2008

BIBLIOTECA ENCARNADA,
2008 | INCARNATE LIBRARY



SALA EM BRANCO, 2008 | SALA EN BLANCO | BLANK ROOM



BIBLIOTECA NEGRA, 2008 | BLACK LIBRARY

